



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 27 de fevereiro de 2022

[Multimídia]

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

No Evangelho da Liturgia de hoje Jesus convida-nos a refletir sobre o nosso olhar e o nosso falar. O olhar e o falar.

Em primeiro lugar, sobre o nosso *olhar*. O risco que corremos, diz o Senhor, é concentrar-nos a olhar o argueiro no olho do irmão, sem nos darmos conta da trave no nosso (cf. *Lc* 6, 41). Em síntese, estar muito atentos aos defeitos dos outros, até aos pequenos como um argueiro, ignorando tranquilamente os nossos, dando-lhes pouca importância. É verdade o que Jesus diz: encontramos sempre motivos para dar a culpa aos outros e para nos justificarmos a nós próprios. E muitas vezes queixamo-nos de coisas que não funcionam na sociedade, na Igreja, no mundo, sem antes nos questionarmos e sem nos comprometermos a mudar primeiro a nós mesmos. Cada mudança fecunda, positiva, deve começar por nós próprios. Caso contrário, não haverá mudança. Mas — explica Jesus — agindo assim, o nosso olhar é cego. E se formos cegos, não podemos pretender ser guias e mestres para os outros: com efeito, um cego não pode guiar outro cego (cf. v. 39).

Estimados irmãos e irmãs, o Senhor convida-nos a *limpar o nosso olhar*. Em primeiro lugar, pede-nos que olhemos para dentro de nós mesmos, para reconhecer as nossas misérias. Pois se não conseguirmos ver os nossos próprios defeitos, estaremos sempre prontos a aumentar os dos outros. Ao contrário, se reconhecermos os nossos erros e as nossas misérias, abrir-se-á para nós

a porta da misericórdia. E depois de ter olhado para dentro de nós, Jesus convida-nos a olhar para os outros como Ele faz — eis o segredo: olhar para os outros como Ele faz — Ele que não vê primeiro o mal, mas o bem. Deus olha para nós assim: não vê em nós erros irremediáveis, mas sim filhos que cometem erros. Muda a ótica: não se concentra nos erros, mas nos filhos que cometem erros. Deus distingue sempre a pessoa dos seus erros. Salva sempre a pessoa! Acredita sempre na pessoa e está sempre pronto a perdoar os erros. Sabemos que Deus perdoa sempre. E convida-nos a fazer o mesmo: a não procurar o mal nos outros, mas o bem.

Depois do olhar, hoje Jesus convida-nos a refletir sobre o nosso *falar*. O Senhor explica que a boca «fala daquilo de que o coração está cheio» (v. 45). É verdade, do nosso modo de falar, vê-se imediatamente o que há no coração. As palavras que usamos falam da pessoa que somos. Mas às vezes prestamos pouca atenção às nossas palavras, usando-as de maneira superficial. Mas as palavras têm um peso: permitem-nos manifestar pensamentos e sentimentos, dar voz aos temores que temos e aos projetos que tencionamos realizar, abençoar Deus e os outros. Mas infelizmente, com a língua podemos também alimentar preconceitos, levantar barreiras, agredir e até destruir; com a língua podemos destruir os irmãos: a bisbilhotice fere e a calúnia pode ser mais afiada do que uma faca! Hoje, especialmente no mundo digital, as palavras voam; mas demasiadas delas veiculam raiva e agressividade, alimentam notícias falsas e aproveitam-se dos receios coletivos para propagar ideias distorcidas. Um diplomata, que foi Secretário-Geral das Nações Unidas e ganhou o prémio Nobel da Paz, disse que «abusar da palavra equivale a desprezar o ser humano» (D. Hammarskjöld , *Tracce di cammino* , Magnano bi 1992, 131).

Então, perguntemo-nos que tipo de palavras usamos: palavras que manifestam atenção, respeito, compreensão, proximidade, compaixão, ou palavras que visam principalmente fazer-nos mostrar-nos melhores diante dos outros? E depois, falamos com mansidão ou poluímos o mundo propagando veneno: criticando, queixando-nos, alimentando a agressividade generalizada?

Que Nossa Senhora, Maria, cuja humildade Deus contemplou, a Virgem do silêncio a quem agora rezamos, nos ajude a purificar o nosso olhar e o nosso falar.

Depois do Angelus

Nestes dias, fomos abalados por algo trágico: a guerra. Muitas vezes rezamos para que não fosse empreendido este caminho. E não deixamos de rezar, aliás, suplicamos a Deus com mais intensidade. Por isso, renovo a todos o convite a fazer de 2 de março, Quarta-Feira de Cinzas, um dia de oração e jejum pela paz na Ucrânia. Um dia para estar perto dos sofrimentos do povo ucraniano, para nos sentirmos todos irmãos e implorar a Deus o fim a guerra.

Quem faz a guerra, quem provoca a guerra, esquece a humanidade. Não parte do povo, não olha para a vida concreta das pessoas, mas coloca acima de tudo os interesses de parte e de poder. Confia na lógica diabólica e perversa das armas, que é a mais distante da vontade de Deus. E distancia-se das pessoas comuns, que desejam a paz; e que em cada conflito são as verdadeiras vítimas, que pagam com a própria pele as loucuras da guerra. Penso nos idosos, em quantos nestas horas procuram refúgio, nas mães em fuga com os seus filhos... São irmãos e irmãs para quem é urgente abrir corredores humanitários e que devem ser acolhidos.

Com o coração dilacerado por quanto acontece na Ucrânia — e não esqueçamos as guerras noutras partes do mundo, como no Líbano, na Síria, na Etiópia... — repito: que as armas se calem! Deus está com os pacificadores, não com quem usa a violência. Pois quem ama a paz, como afirma a Constituição italiana, «repudia a guerra como instrumento de ofensa contra a liberdade de outros povos e como meio de resolução das disputas internacionais» (Art. 11).

Ontem em Granada, na Espanha, foram proclamados beatos o sacerdote Gaetano Giménez Martín e quinze companheiros mártires, mortos em *odium fidei*, no âmbito da perseguição religiosa dos anos trinta na Espanha. Que o testemunho destes heroicos discípulos de Cristo possa despertar em todos o desejo de servir o Evangelho com fidelidade e coragem. Um aplauso aos novos Beatos!

Saúdo todos vós, romanos e peregrinos!

Saúdo em particular as *niñas quinceñeras* do Panamá; os jovens universitários da diocese do Porto; os fiéis de Mérida-Badajoz e Madrid, na Espanha; os de Paris e da Polónia; os grupos de Reggio Calabria, da Sicília e da Unidade Pastoral de Alta Langa; os crismandos de Ugnano e os jovens de Petosino, diocese de Bergamo.

Dirijo uma saudação especial a quantos vieram por ocasião do Dia das Doenças Raras, que se celebrará amanhã: encorajo as várias Associações de doentes e familiares, assim como os investigadores que trabalham neste campo. Estou próximo de vós! Saúdo os povos aqui presentes... vejo também numerosas bandeiras da Ucrânia! (*em ucraniano*): Louvado seja Jesus Cristo!

Bom domingo a todos! Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!